

ALICE NO PAÍS DE SEUS DESENCANTOS: UMA DISCUSSÃO TEÓRICO-CLÍNICA | BÁRBARA FACÓ BARRETO REGADAS¹

RESUMO

O presente trabalho traz uma tentativa de expor, compreender e compartilhar o processo analítico realizado pela autora com uma paciente, Alice. Durante o período de análise, Alice mobilizava fortes sensações de impotência e invisibilidade na analista. O caso propicia revelar, por meio das sessões, o atendimento psicanalítico de alguém com uma mente muito primitiva, cujo funcionamento com suas nuances e defesas pode ser considerado tipicamente esquizoparanoide. A partir dessa premissa, a autora busca compreensão teórica pelos vieses kleiniano e bioniano, abordando os conceitos da posição esquizoparanoide, identificação projetiva, inveja, voracidade, ciúme, reverie, função alfa e função beta.

Palavras-chave: Voracidade; Inveja; Ciúme; Raiva; Projeção; Relação de objeto.

ABSTRACT

The current work tries to explain, understand and share a psychoanalytic process experienced by the author, with a patient, Alice. During the sessions, Alice projected her strong feelings of powerlessness and invisibility onto the analyst. For the author, the case reveals, through the sessions, the psychoanalytic treatment of a person with a very primitive mind whose behaviour, with every nuance and defences, may be considered as schizoid-paranoid. From this premise on the author aimed to have a theoretical understanding via Melanie Klein and Bion, approaching the concepts of a paranoid-schizoid position, projective identification, envy, voraciousness, jealousy, Day-dream, alpha and beta function.

Keywords: Voraciousness; Envy; Jealousy; Anger; Projection; Object relation.

¹ Psicóloga. Psicanalista associada da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza - SPFOR. Especialista em Psicoterapia Psicanalítica pela Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Fortaleza.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história da Psicanálise, o relato de caso clínico vem sendo considerado como essencial para conhecer e ampliar os conceitos e as técnicas que fundamentam o exercício psicanalítico. Os relatos de experiências psicanalíticas possibilitam a interação entre teoria, técnica e o que se dá no processo analítico, permitindo articulações que facilitam a compreensão do sofrimento psíquico por meio do referencial psicanalítico.

Nesse intuito, no presente trabalho, apresento um caso clínico e, em seguida, faço tentativas de discutir os fundamentos que nortearam o atendimento, visando à apreensão, em termos teóricos, tanto da problemática trazida pela paciente como da minha vivência diante dessa situação, percebida como de difícil acesso.

Alice iniciou a análise em 2010, na frequência de três vezes por semana. Ela tinha 20 anos, embora aparentasse mais idade. Ficou, ao todo, cinco anos em análise. O motivo de sua vinda foi a queixa de que seu namorado, Mário (48 anos), dissera que ela tinha que fazer tratamento, pois sentia muito ciúme da filha dele, Camila (15 anos, deficiente física). Alice concordou com o ele.

No começo da análise, ela morava com o namorado, mas foi expulsa de seu apartamento porque, no dia da festa de 15 anos de Camila, tiveram uma briga imensa. Na ocasião, segundo Mário, Alice acabou com o humor dele para ir à festa. Mário tem outra filha, Joana, com quem ele tem pouco contato.

Alice foi adotada por uma família que já tinha cinco filhos legítimos. Diz que foi dada por sua mãe biológica assim que nasceu, mas que isso não era problema para ela. O pai adotivo morreu quando ela era criança; e a mãe, quando ela tinha 12 anos. Ela foi morar com uma irmã, que se tornou sua tutora, e diz que sofreu muito, pois a irmã só quis ficar com ela por causa da pensão herdada com a morte da mãe.

Quando fez 18 anos, Alice saiu da guarda da irmã e logo começou o namoro com

Mário. Durante a análise, fazia, com dificuldade e resistência, um curso superior à noite. Dizia que o curso não dava dinheiro, o que dava dinheiro era o trabalho no escritório com Mário. Sua família adotiva é simples. Nenhum dos irmãos é formado e todos eles vivem uma condição financeira apertada. Dentre todos os irmãos, atualmente, Alice só mantém contato com a irmã que não foi a tutora.

Na época em que saiu da casa de Mário (expulsa, segundo ela), foi morar com essa irmã e aos poucos foi construindo um quarto independente para ela em cima da sua casa.

Durante grande parte de sua análise, ela não tinha dificuldades para falar; sempre eram sessões cheias de falas e sentimentos. Suas falas se baseavam no relato detalhado e minucioso de tudo o que acontecia no seu namoro, todas as suas queixas contra Mário, do quanto se sentia inferior, rejeitada, trocada e do quanto Mário era injusto e responsável por tudo de ruim que acontecia com ela. As sessões de Alice eram pagas por Mário.

Ressalto que ela falava pouco de sua infância e do relacionamento com seus familiares. Para ela, parecia ser algo que não existia e que não tinha impacto sobre sua vida emocional. Em seu mundo só existia o Mário. A única lembrança maior que foi dita sobre sua infância era que ela tomava muito leite de caixa e que todas as caixas de leite acabavam rapidamente. No decorrer da análise, conheceu uma irmã biológica que lhe dissera que sua mãe biológica era “mulher da vida.” Em uma sessão, Alice contou o fato de maneira aparentemente desafetada, e disse que não tinha interesse em saber sobre esse passado porque isso não interferia em sua vida, já que não cresceu com elas e não tinham vínculo.

Quando eu tentava direcionar a conversa para algo que se passava na nossa relação, sentia que não era ouvida e que Alice só podia falar e pensar no Mário. Parecia que não existia a dupla analítica ou outra relação que a mobilizasse tanto emocionalmente. A sensação era de que os pensamentos dela eram rígidos, fechados e que suas certezas eram incontestáveis. Era difícil entrar no seu mundo.

AS SESSÕES

SESSÃO 1 - INÍCIO DE 2012

Paciente (P): Doutora, ontem a Joana (segunda filha com quem Mário não tem muito contato) ligou para escritório para falar com o Mário para pedir para estudar em escola particular. Eu atendi e disse para ele o recado. Disse a ele que no fundo eu estava certa, que Joana tinha interesse no dinheiro dele. A mãe engravidou de propósito e querendo uma pensão enorme. Eu estive também com a mãe dele (Mário) e ela me disse que a Camila (filha de 15 anos) não queria ter uma irmã porque não queria dividir as coisas dela com ninguém. Lógico que a menina está aprendendo a sugar o pai, pois é só o que a mãe dela faz. Como a mãe dele não me pediu segredo, eu comentei com ele essa história (da filha estar interessada no dinheiro dele) e ele foi caminhar. Só que voltou logo da caminhada e eu até tomei um susto. Ele disse que não conseguiu caminhar e que estava com muita raiva, porque eu estava insinuando que a filha dele estava com ele por interesse. Eu disse que não falei isso, e que a mãe dele quem me contou isso, eu só estava repassando a história. Mas sempre sobra para mim... Toda vez que a mãe dele me conta uma história, ela pede para eu falar com ele, e quem sai de ruim na fita sou eu.

Analista (A): Então, Alice, diante de tudo que você está contando, eu penso que você, sem perceber, pode ter sim um prazer em contar ao Mário sobre essas coisas, e tem uma intenção de mostrar que você é quem é a filha boa, e que está ali com ele por inteiro, enquanto as outras estão por interesse. Como já vimos aqui, você mesma diz que ele só tem olhos para filha, e dessa maneira você pensa que vai fazer com que ele olhe menos para ela, e mais para essa filha aqui que deseja tanto a atenção integral do pai.

Pensei, embora não tenha dito, que essa filha (Joana) que está aparecendo representa uma parte dela que tem o mesmo interesse em estudar em outra escola, quando ela fala sobre ele poder pagar outra faculdade para ela. E também que existe uma parte Camila nela que não deseja dividir o Mário com ninguém e o quer só para ela.

P: Doutora, fiquei mesmo. É um prazer lá de dentro, que prova que eu não sou louca assim, porque eu sei que tem muita gente que faz o Mário de besta. E sou eu quem estou lá direto com ele, trabalhando, fazendo de tudo por ele e não sou reconhecida por ele. Sou sempre a diminuída, vista como empregada e interesseira. Isso me incomoda.

A: Agora, então, você entrou em contato com seus sentimentos de raiva e prazer nessa situação de falar das filhas do Mário para ele, e falou de você, do que está dentro de você, e não do Mário. Eu agora não ocupei o lugar da sua cunhada que você sente que vai julgar e diminuir você. Você pôde confiar em mim e falar sobre seus sentimentos mais íntimos.

Minha tentativa foi de mostrar o que está dentro dela, da raiva que ela tem de dividir Mário com as filhas dele e do quanto ela projeta e se utiliza, nesse momento, da filha dele (a Camila) e de seu desejo de não dividir esse “pai” com ninguém, dizendo que é a Camila quem tem ciúmes.

P: É porque só assim que eu posso falar, doutora. Quando peço para conversar com ele, eu sempre sou a errada, ele sempre me diminui, fico falando sozinha. Eu tento me segurar o tempo todo, doutora, me conter, mas é muito difícil. Ele sempre diz que eu sou a desequilibrada, louca, doente... E ele?! Não é não?! Quem é que também faz análise há mais de doze anos, toma remédio, muda de humor da noite para o dia? Assumo que tenho minhas coisas, mas ele não assume nada para mim. Só eu sou a errada. Aí fica difícil eu me controlar, porque ele acaba com meu emocional. Eu fico esmagada, arrasada.

A: Então parece que o Mário tem mais poder sobre você do que você mesma. Parece que nós aqui não temos poder de modificar nada em você. Só o Mário que tem um poder gigantesco sobre seu estado emocional. Ficamos aqui impotentes diante de você e do seu mundo.

E a sensação que fico é de também ser esmagada, pois não existe eu e ela; só existe ela e Mário. Eu fico sendo um objeto de despejo sobre o qual ela vomita muita coisa, mas não existe espaço para pensar e criar outras alternativas para sua vida. Sinto que minha fala não penetra em Alice; é como se fosse um bate e volta.

SESSÃO II - PENÚLTIMA SESSÃO ANTES DO RECESSO (2012)

P: Ano que vem vou continuar duas vezes, porque terei estágio, faculdade, monografia, trabalho e vai ficar muita coisa para mim. Fico incomodada com a relação com minha irmã... Semana passada estava mal, com medo de estar grávida. Fiz o teste e deu negativo. Minha irmã se queixa de que eu só ligo quando preciso, então não liguei. Não estou morando em outro país, essa cobrança me trava para me aproximar. É mais um motivo para consertar minha relação com Mário. Sinto que não tenho família; pais não tenho mais. Eu não consigo me aproximar mais dela, me sinto desamparada, não tenho assunto, porque sei que se eu falar das coisas que compro e que quero vai causar inveja nela.

A: Você está falando que nas suas relações sempre se sente desamparada, e essa sensação é muito forte. Eu penso que pode também estar se sentindo desamparada por mim, sozinha nessa relação aqui, comigo, como se a única relação que pudesse te ajudar fosse a sua relação com o Mário.

Aqui, pensei que ela buscava justificativas para não se ligar a um terceiro – à irmã ou a outros objetos – para ter mais motivos para agarrar-se ao Mário. Parece que só ele tem leite suficiente para alimentá-la... Penso em Mário como sendo uma mãe na fantasia da Alice, onde ele tem que supri-la de tudo, e do quanto, nesse momento, ela está ligada a ele tal como no início da vida, quando o bebê pensa que ele e a mãe são um só e não tem espaço para outros entrarem nessa relação.

P: Só se for inconsciente. Pensei que fosse sentir na sua licença-maternidade, mas até que não senti, foi tranquilo. Semana passada estava muito mal, magoada, descartada. Dentro de mim tem um lado que não quer brigar, mas tem outro lado que acha que deve brigar. Afinal sou eu quem está do lado dele para tudo. O Mário está me excluindo da vida dele e isso me faz sofrer muito. Comprei um presente para ele de Natal. Vem de fora, mas disse que não ia dar e que ia quebrar porque ele também me tirou da imagem de fundo do celular e trocou minha foto na tela do computador.

Foi ficando mais claro para mim que, quando eu fazia alusão à nossa relação, ela sempre dizia que não sentia desamparo nem abandono comigo, e penso que

realmente ela não sentia; quem sentia era eu. Na verdade, sentia um abandono e uma sensação de não existir emocionalmente para ela. Tudo que ela sentia era voltado para Mário. Fica clara aqui a dificuldade dela em discriminar o que era dela e o que era do Mário. Quando Mário estava com outra pessoa ou fazendo outra coisa que não fosse com ela, a situação era vivenciada por ela como uma exclusão. Penso na concretude da mente de Alice, do quanto tirar a foto da tela representou, em fantasia, tirá-la da vida dele, e isso lhe era insuportável.

É quase como um bebê que, na ausência física da mãe, se sente, num primeiro momento, desamparado ou abandonado. O aparelho mental dela está predominantemente ocupado por elementos concretos, sem conexões e, conseqüentemente, sem representações.

Alice deseja que Mário volte a ser como no começo da relação deles. Assim ela poderia viver, em fantasia, a relação do bebê com a mãe, onde inicialmente não tem espaço para mais ninguém e a mãe é exclusiva do bebê, como se observa no seguinte trecho:

P: Tenho a sensação que nossa relação piora e não vai voltar a ser como era antes, onde era só nós dois e ele me dava atenção. Queria que ele voltasse a me priorizar como antes, queria conter mais as coisas que sinto, mas é uma dor tão grande. Não aceito essa menina (a outra filha, a Joana). Vou colocar dificuldades para Mário esquecer dessa filha (Alice conta que conseguiu a senha dele e apaga os e-mails que não quer que ele leia). Sei que meu lugar é outro, de namorada, não filha, por isso quero ficar mais independente, aumentar meu salário para não depender dele.

Digo para Alice que ela acha que tem poder sobre os desejos de Mário, mais até do que sobre seus próprios desejos, e que pode controlar isso pensando que tudo dele está em suas mãos; que, ao apagar os e-mails dele, vai estar impedindo que ele tenha contato com essa filha, por exemplo. E que, ao dizer que quer ficar mais independente dele aumentando seu salário, na realidade, parece é que está buscando ficar mais dependente dele, pois esse salário vem do trabalho com ele.

SESSÃO III - 2013

P: Doutora, sei que 99% das vezes quero que me tratem do jeito que eu gostaria. Só que outros casais não tratam a namorada como o Mário me trata. O ex da minha amiga estava arrasado porque a namorada acabou. O Mário não liga para mim, não chora por mim, mas morre de chorar pela filha dele. A questão não é que ninguém chora, é que o Mário não chora, não me liga (a não ser pra falar de trabalho), não responde minhas mensagens, não presta atenção ao que eu falo... Ai eu fecho a cara. Ele nunca está errado. Então não vou mais fazer as compras do apartamento dele, fico sozinha, e isso me dói. Dói saber que quem estiver perto dele, ele vai ajudar; ninguém me dá nada de graça, o que eu tive ainda levaram de mim, deve ser por isso que sou tão mesquinha com minhas coisas. Eu trabalho tanto e a irmã dele só ganhando dinheiro na boa. Eu tenho direito de fazer esse tipo de coisa (como Alice fica responsável pelo caixa, está desviando dinheiro da conta da empresa para a conta pessoal dela)... Não é para ter pena; tudo lá sou eu, e isso me dói! Me deu vontade de mandar mensagem dizendo que não quero ter relações com ele. Ele não sabe fazer preliminar, me magoa, não é carinhoso, não sou nem objeto. Não vou viajar sem dinheiro para o exterior e ficar chupando o dedo. É mais confortável para mim ficar lá no escritório, mas ele pode me botar para fora a qualquer momento.

A: Você diz já viver uma relação tão ruim com Mário e coloca em risco algo que parece ser preservado na relação com ele, que é a confiança. Parece que está querendo que ele perca a confiança em você. Diz estar cada vez mais dolorida na relação, mas mesmo assim investe numa maneira de deixar o Mário responsável por tudo que acontece com você.

P: É dependência financeira e emocional. Quanto mais eu ganhar, mais presa eu vou ficar, e com meu curso superior nunca vou ganhar o que posso ganhar com o Mário. Me dói saber que ele é com os outros como eu gostaria que fosse comigo. Sair do relacionamento é sair do emprego que me dá dinheiro. Estou ao lado dele desde o começo. Passamos por dificuldades, a irmã dele não quis ser sócia, nem ninguém. Eu acreditei e dei meu nome (ela tem 1% na empresa dele), e agora todos eles querem desfrutar do que conseguimos com muito trabalho. A Lalá (cadela) subiu na cama, ele beija, abraça... E eu?! Mário quer comprar uma casa, ele falou de todo mundo, menos de mim. Fico muito triste com isso, não vou sair de mão abanando. Se morarmos juntos não vou sair do nosso quarto quando a filha dele estiver lá. Ele me humilha, me desvaloriza, me faz sentir um nada. 90% das pessoas me acham bonita, mas ele não.

Penso que, aqui, ela fica, em sua fantasia, como a “mulher da vida” que ela diz não querer ser – pois Mário já saiu com várias prostitutas da Beira-Mar e ela tinha raiva ao falar disso –, e que a maneira de se vingar dele era essa... Pegando dinheiro escondido, e não como uma namorada que não precisa esconder o que está fazendo. Parece que se tornar “mulher da vida”, naquele momento, era uma maneira de ser a mãe (biológica) e a ter dentro dela.

Alice escolhe pensar que vai ficar chupando o dedo no seu país (mundo) de desencantos, ao invés de se permitir, de se gratificar e viajar para um outro país “encantado”. Pude dizer isso a ela em outras sessões, mas recebia de volta a justificativa de que era muito injusto fazer a viagem sem dinheiro para gastar lá, e que viajar para o exterior só servia se tivesse dinheiro. O seio bom fica sendo inacessível de ser experimentado; e ela estava se alimentando apenas do seio mau, que frustra, que é insuficiente, que se ausenta, que a deixa no abandono (chupando o dedo) e que a persegue.

Esses sentimentos de Alice podem ser compreendidos conforme Melanie Klein ([1957] 1991):

No contexto do material analítico é possível reconstruir, pela elaboração de situações anteriores, os sentimentos do paciente, quando bebê, para com o seio materno. Por exemplo, o bebê pode ter um ressentimento de que o leite chega muito rápido ou muito devagar; ou de que não lhe tenham dado o seio quando mais ansiava por ele e, assim, quando lhe é oferecido, não o quer mais. Volta-lhe as costas e, em vez dele, chupa seus próprios dedos (p. 216).

O pensamento kleiniano também serve de âncora para o entendimento do fato de Alice desviar dinheiro da empresa do Mário para sua conta. Klein ([1957] 1991) sugere que as pessoas que não internalizaram um bom objeto, ao se sentirem ameaçadas e perseguidas, perdem o contato com a reserva de confiabilidade interna:

Minhas observações mostraram-me que alterações significativas de caráter, as quais, a um exame mais atento, revelam-se como deterioração de

caráter, têm muito mais probabilidade de acontecer em pessoas que não estabeleceram firmemente seu primeiro objeto e que não são capazes de manter gratidão para com ele (p. 221).

O que ficava mais claro é que ela não se sentia responsável pelo que acontecia com sua vida; tudo era responsabilidade de Mário. Ele ficava como a mãe responsável pelo que acontece com o seu bebê. Se ela tira dinheiro dele, é porque ele não dá o que ela merece; se ela apaga os e-mails escondido dele, é para ele não ser feito de besta, e assim vai... Ela não entra em contato com o fato de ter 1% da sociedade da empresa com Mário e que poderia buscar seus direitos sobre esse 1%.

Alice chegava ao consultório para a sessão com pacotes e mais pacotes de roupas e sapatos (o consultório é no shopping). Parecia que o intuito maior das sessões era fazer compras. Às vezes, eu achava que eu era mais uma “coisa” que Mário estava proporcionando para ela. Apesar de muita mudança física – aplique no cabelo, unhas postiças, emagrecimento, tratamento de pele, cirurgias etc. –, parecia não haver mudança interna, pois seu discurso sempre era repetitivo, colocando-se como vítima de toda a situação.

Eu tentava mostrar para Alice e relacionar o que acontecia com ela de uma maneira mais direta, como demonstra um fragmento de sessão abaixo. Mas minha sensação era a de sempre sentir uma relação precária entre nós, na qual eu me sentia como Alice dizia se sentir: excluída e desvalorizada, e que não havia espaço para entrar em seu mundo mental.

P: Doutora, o Mário só pensa na filha dele (a Camila). Demorou duas horas para ir pegá-la no aeroporto. Fiquei com raiva porque estou cheia de problemas para resolver e ele não percebe, fica só me mandando trabalhar. Ele me convidou para jantar com os pais dele, mas eu disse que não podia, na verdade eu não quis, disse para ele marcar outro dia. Vi as fotos que a filha dele postou no Face e fiquei com raiva porque nós é quem estamos trabalhando e que devíamos estar viajando... Ele vai escrever um livro e disse que ia me colocar na dedicatória junto com a mãe, pai, irmãs e filha, mas eu não quero, porque eles lá não estão participando em nada desse livro, sou eu quem está indo atrás das coisas para ele. Na minha monografia, ele está na minha dedicatória porque ele me ajudou na metodologia.

A: Alice, vejo o quanto sofre quando o Mário não age da maneira exata que você quer, e fiquei pensando em um bebê que fica com muita raiva e não compreende quando a mãe dele não está presente na hora em que quer. O quanto que esse bebê deseja que seja só os dois... E imagino que dentro de você tem uma Alice-bebê que quer a Mãe-Mário disponível a todo momento. E não quer que a Mãe-Mário se relacione com mais ninguém, e a sua parte bebê-Alice também não se relaciona com mais ninguém, nem com a mãe-Bárbara. No mundo da Alice-bebê, só existe vocês dois e pronto, ninguém mais entra! E eu fico sem poder entrar no seu mundo emocional.

Lembro que Alice falava com muita convicção do quanto ela era injustiçada em todas as situações citadas; parecia que nada era suficiente para ela. Seu apego era sempre no que estava faltando. Por exemplo, Mário chamá-la para jantar com os pais ou dizer que ela iria estar na dedicatória do livro não era compreendido como inclusão. Na verdade, parece que ela buscava situações de exclusão para ter que projetar toda sua raiva, sua culpa, sua inveja e seu ciúme nas situações à sua volta. Em muitos momentos, Alice pensou em desistir da faculdade, e eu buscava sempre interpretar que desistir da faculdade era estar desistindo de uma parte dela.

DESFECHO: COMO FICOU A VIDA DE ALICE...

Ela continuou com as retiradas de dinheiro na empresa do Mário, e isso me incomodava muito. Tentei de várias maneiras falar sobre isso; falando de sua voracidade, da inveja, do ataque a ela mesma, e sobre eles como casal, mas nada adiantava... Era uma certeza tão grande de que ela tinha esse direito incontestável que nada do que eu dizia a abalava. E, de fato, ela até podia ter direito, sim, afinal tinha 1% da empresa, porém não o utilizou; buscou um outro caminho por meio do qual ela perderia todos os seus direitos... Ela assumia, em sua fantasia, ser a mãe, “mulher da vida”.

Mário descobriu tudo e eles acabaram a relação. Ela foi demitida da empresa e ficou muito arrasada, mas, mesmo assim, sustentava que ela tinha direito de pegar dinheiro da maneira que vinha fazendo. Depois de um tempo, Alice e Mário voltaram a se encontrar, mas sem ter nada assumido. Eles se encontravam somente

para sexo e em viagens escondidas, ou seja, ela ficou como a mãe, “mulher da vida”. Eu me propus a atendê-la por um preço bem menor e até mesmo que ela pagasse quando pudesse, mas ela não quis e agradeceu. Disse que ia voltar para seu interior e que não teria gasolina para ir à análise, pois os bairros eram muito distantes. De fato, eram mesmo.

A queda de padrão financeiro foi gritante, e agora ela tinha que contabilizar tudo o que gastava. Chegou a vender muitas bolsas e roupas para arrecadar dinheiro. Penso que ali ela poderia recomeçar uma história real dela, e dentro de uma realidade nova, aparentemente difícil, mas verdadeira e com solidez. Disse isso a ela várias vezes. Ela ficou um tempo recebendo uma pensão dele (6 meses, foi o tempo que ainda permaneceu comigo) até conseguir um outro emprego – nessa época ela tinha acabado de concluir o curso.

Eu falava muito dos recursos que ela tinha, com o diploma que era dela. Ela conseguiu emprego na sua área para trabalhar com crianças de 1 ano de idade, mas se incomodava e reclamava muito das birras e choros das crianças. Eu relacionava que o choro das crianças ecoava na criança que estava dentro dela, e para ela era difícil ter esse contato porque inconscientemente ela acessava sua parte infantil através dos bebês de um ano de idade.

Para mim, os furtos e as irregularidades resultavam de ela ser extremamente sofrida, sentindo-se muito injustiçada e abandonada por Mário; e esse sentimento, para ela, era o motivo pelo qual se sentia no direito de fazer o que quisesse com as contas da empresa e com a vida do Mário. Além do mais, pode-se entender que a busca pelo Mário tem a ver com ressentimento pela mãe tê-la abandonado e ido ser “mulher da vida”. Ela deseja que Mário não seja “a mãe – mulher da vida” que a abandonou. Quer que ele fique só com ela e abandone as filhas dele, assim como os pais, irmãos, toda a família, por amor a ela – coisa que a mãe “mulher da vida não fez”.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Alice foi, para mim, uma paciente de difícil acesso, de muitas projeções e muito

primitiva, de um mundo interno bem fragmentado, cindido e parcial. Apresentava um funcionamento esquizoparanoide, com todas as características dessa posição, que prevaleceu durante todo o tratamento. Minha sensação era de que nada ou pouco de bom ficava internalizado nela. Tudo – as minhas palavras e continência – se esvaziava, ia por água abaixo. Parecia que não havia espaço para a função analítica entrar em sua mente de maneira mais profunda. Parecia não haver um objeto bom internalizado capaz de conter e transformar suas emoções.

Muitas vezes, minha percepção era de ser como um objeto no qual Alice depositava toda sua fala bem cindida e parcial sobre sua sensação de ser injustiçada; sobre seu desamparo e sua exclusão. Eu me sentia sem importância. Parecia mesmo um depósito... E era assim que Alice dizia que se sentia na sua vida: sem importância e sem ser vista por Mário e por todos. As sessões transcorriam com muitos choros, sendo muitos deles bem primitivos e queixosos da vida.

O caso pode ser compreendido por diversos olhares teóricos, porém resolvi destacar a maneira como eu me sentia e o funcionamento primitivo e repetitivo de Alice, que não teve grandes modificações durante a análise. Quando digo que me sentia na sessão tal como Alice se sentia na vida, não me refiro ao conceito de contratransferência. Alice me mostrou na prática, através de sua relação comigo, o conceito de identificação projetiva, descrito por Melanie Klein, como ocorrendo dentro de um funcionamento predominantemente esquizoparanoide, quase sem nenhuma oscilação para a posição depressiva.

A autora afirma (Klein, [1946] 1991) que a primeira defesa do ego contra a ansiedade é a expulsão e não a repressão. Essa expulsão é violenta, caracteriza-se pelo sadismo e serve “tanto para aliviar o ego como para atacar os objetos persecutórios”, ideias compreendidas como fazendo parte do conceito mais amplo de identificação projetiva que Melanie Klein introduz.

A identificação projetiva engloba processos distintos, mas inter-relacionados, ligados à cisão e à projeção. Ainda nesse artigo, Klein mostra que a principal defesa contra a ansiedade da posição esquizoparanoide é a identificação projetiva, a qual também se constitui como meio pelo qual se constroem as relações de

objetos narcisistas, características desse período, onde objetos são equacionados como partes escindidas e projetadas do self.

Klein explicita como se dá o desenvolvimento emocional:

Esse período inicial da vida do bebê (descrito inicialmente como a fase persecutória) foi posteriormente denominado por mim posição paranoide e afirmei que ele precede a posição depressiva. Se os medos persecutórios forem muito intensos, e por essa razão (entre outras) o bebê não puder elaborar a posição esquizo-paranoide, a elaboração da posição depressiva ficará, por sua vez, impedida (pp. 21-22).

Nesse entendimento, em seu desenvolvimento, Alice ficou presa na posição esquizoparanoide, mostrando dificuldades de entrar na posição depressiva e grande prejuízo em sua capacidade de se sentir integrada e capaz de sentir desejo de reparação e gratidão. Ela se utilizava o tempo todo dos principais mecanismos de defesas da posição esquizoparanoide: cisão, projeção e negação da realidade.

Em 1946, Klein define que na identificação projetiva, “o outro é usado como depósito de sua vida pulsional”.

O que pretendo enfatizar é que entendo que, se a identificação projetiva é maciça, o ego fica esvaziado e empobrecido, dificultando a integração e favorecendo um estado de não integração. Se a cisão entre bom e mau perdurar muito tempo (no início do desenvolvimento, essa cisão é saudável, a fim de preservar o bom do mau objeto), teremos, de um lado, o objeto perfeito; do outro, o objeto perseguido, e essa combinação dificultará a organização egoica em direção à posição depressiva. Ou seja, a capacidade de introjetar bons objetos torna-se prejudicada, pois o ego está esvaziado. Sabemos que o trabalho da análise é criar condições, através da relação com o paciente, para que esses processos de introjeção e projeção sejam desenvolvidos de maneira satisfatória, visando à integração do ego.

O ego, quando muito fragilizado, esvaziado e desintegrado vira um terreno fértil para que o medo de ficar só e de se separar das pessoas instale-se. E aí, a fantasia de ficar sozinho é vivida com muito desamparo e desespero, o que pode levar as

peessoas a agir de forma impulsiva para não vivenciar esse temor. Esse modo de funcionamento vai comprometer, além das relações com o outro e consigo mesmo, a capacidade de pensar, pois a cisão impede que o pensamento e os sentimentos fiquem associados. O sentimento de culpa advindo da posição depressiva – que gera a capacidade de pensar, reparar e gratificar – ficará comprometido, nessas circunstâncias, em que a entrada na posição depressiva fica difícil de acontecer.

A identificação projetiva, portanto, pode ser entendida como um mecanismo através do qual o paciente cinde e expela uma parte de sua personalidade e a projeta para dentro de um objeto externo.

Nesse caso, eu estava sendo o objeto externo para Alice. Em cada sessão, a sensação que ela tinha de não ser vista e ouvida era colocada dentro mim, por meio da identificação projetiva. E eu devia me encarregar de perceber, conter, transformar e devolver essa sensação de invisibilidade e abandono em visibilidade e amparo para Alice. Em nossa sociedade analítica, porém, eu trabalhava com 1% do que se dava e ela, com 99%. Para mim era difícil conseguir lançar mão desse 1% e aumentar minha participação e influência no processo.

Posteriormente, Bion (1957) ampliou esse conceito, afirmando que a identificação projetiva é um mecanismo de defesa e a primeira maneira de comunicação entre a mãe e o bebê, constituindo-se como um modo da mente de funcionar. O bebê, incapaz de lidar com suas emoções e seus pensamentos, procura outra mente (a da mãe) que possa acolher essas sensações que o ameaçam e inquietam e transformar em algo tolerável. O pensamento vai se originar e se desenvolver por meio dessa modalidade de comunicação e da relação que se estabelecer entre a posição esquizoparanoide e a posição depressiva.

Britton (2003) enfatiza outro ponto observado e ampliado por Bion no entendimento desse conceito:

A identificação projetiva era frequentemente não apenas uma fantasia onipotente, como Klein descreveu, mas que o paciente dava passos para tornar efetiva a sua fantasia, por exemplo que não é o paciente que está

com medo, com raiva, desamparado, desesperado, impotente ou o que seja, mas que é o analista que vivencia tais sentimentos como consequência do comportamento verbal e não verbal do paciente (p. 42).

Era isso o que eu sentia nas sessões: vivência de abandono e sensação de exclusão que me transmitiam, por assim dizer, a angústia de Alice.

Segundo Bion, é necessário, a partir do aparecimento dos pensamentos, desenvolver um aparelho para pensar os pensamentos e que funciona como uma contenção. Se esse aparelho não é desenvolvido, os pensamentos ficam sem contenção, e a partir daí o caos e a angústia se instalam.

Faltava essa contenção no mundo interno de Alice, faltava um aparelho que pudesse conter e pensar seus pensamentos. Parecia ser difícil guardar coisas em sua mente, pois tudo era logo descartado e projetado para fora.

Bion desenvolveu o conceito de função alfa, no qual a mãe/analista, através da reverie, vai transformando os dados sensoriais (elementos beta) em elementos alfa. Se existe uma falha nesse processo, o que está sendo projetado dentro da mãe/analista, retorna para o bebê sem elaboração e é reintrojado pelo bebê/paciente como algo inominável (terror sem nome), extremamente desorganizador. Isso pode ocorrer por uma dificuldade da mãe de nomear e fazer essas transformações, assim como por excesso de ódio e de inveja e por uma dificuldade do bebê em aceitar essa introjeção de maneira satisfatória. Assim, ocorre que os elementos sensoriais que não puderam ser transformados são reintrojados da mesma forma, como elementos sensoriais que não sofreram transformação psíquica e não geraram pensamentos e simbolização, mantendo o aspecto da concretude que, assim, acumulados, podem provocar emoções desorganizadoras também no analista, afetando sua criatividade e sua capacidade de pensar.

Na mente de Alice, as fantasias eram vividas concretamente, não havendo separação entre self e objeto e simbolização. Por isso, eu percebia que era muito claro para ela, que tudo que era do Mário era dela também, de modo tal que ela agia como se tivesse todos os direitos sobre toda a vida dele.

De acordo com Britton (2003), quando não é possível haver transformação de elementos beta (aspectos sensoriais) para elementos alfa (pensamentos), restam três caminhos pelos quais esses percussores do pensamento podem sair da mente: a somatização, as alucinações perceptivas e a ação sintomática. A saída de Alice, a meu ver, foram as somatizações e as atuações.

Havia somente Alice e Mário no quarto/mente de Alice. Sair desse quarto para entrar emocionalmente em outro quarto/espço em que pudesse pensar, imaginar e criar saídas para sua vida comigo era algo ainda distante... Sua saída, na maioria das vezes, era agir por impulsos (atuações).

Um outro aspecto do funcionamento de Alice sobre o qual pude pensar foi a sua parte invejosa, voraz e ciumenta. Klein ([1957] 1991) assume que uma tendência à inveja está presente desde o nascimento. Esse ponto de vista é consistente com sua ideia de que, desde o início, estão presentes alguma forma de diferenciação self/objeto e alguma forma rudimentar de relação objetal. Ela considera o conceito de inveja como centro da sua teoria psicanalítica:

A inveja é um fator muito poderoso no solopamento das raízes do sentimento de amor e gratidão, pois afeta a relação mais antiga de todas, a relação com a mãe... Considero que a inveja é expressão oral-sádica e anal-sádica de impulsos destrutivos, operantes desde o início da vida, e têm base constitucional (p. 207).

Klein não afirma que a inveja é somente constitucional, ela diz que a capacidade para o amor e para os impulsos destrutivos pode variar em intensidade em cada indivíduo e interagir com as condições externas.

Um dos motivos de Klein pensar sobre a inveja como constitucional associa-se à descontinuidade entre a vida intrauterina e extrauterina. Para ela, o seio real nunca conseguirá atingir a plenitude idealizada e imaginária da vida intrauterina, e assim, haverá sempre espaço para a inveja, pois a busca desse estado idealizado estará sempre inacessível, causando ódio e ressentimento.

Lembro quando, dentre as poucas coisas que me contou acerca da sua infância,

Alice relatou que a maior lembrança que tinha desse período era que a quantidade de leite que lhe ofereciam era sempre insuficiente para ela. Isso remete a um trecho de suas sessões, em que ela quer que Mário volte a ser como era antes:

Tenho a sensação que nossa relação piora e não vai voltar a ser como era antes, onde era [sic] só nós dois e ele me dava atenção. Queria que ele voltasse a me priorizar como antes, queria conter mais as coisas que sinto, mas é uma dor tão grande. Não aceito essa menina (a filha Joana); vou colocar dificuldades, para ele esquecer dela [sic].

Relaciono esses dois momentos à voracidade e a algo idealizado (vida intrauterina) que Alice busca a todo custo ter de volta e que levam ao pensamento de Klein ([1957] 1991) quando ela retrata a inveja como “um aspecto específico das mais arcaicas relações de objeto e processos de internalização, que tem raízes na oralidade” (p.211).

A autora refere que a inveja compromete o desenvolvimento da capacidade de gratidão e felicidade e que dificulta que o bebê construa seu objeto bom, pois ele se ressentido, imaginando que aquilo de que foi privado, foi guardado, para uso próprio, pelo seio que o frustrou. Ou seja, “a inveja é um sentimento raivoso em relação a alguém que possui e desfruta algo desejável – sendo o impulso invejoso o de tirar esse algo ou estragá-lo” (p.212).

Klein diferencia inveja, ciúme e voracidade. Ela esclarece que a inveja remonta à mais arcaica e exclusiva relação com a mãe e que o ciúme tem por base a inveja, mas se distingue dela porque envolve uma relação com pelo menos duas pessoas, porque inclui o rival, enquanto a inveja pressupõe uma relação dual.

Em relação à voracidade, as palavras da autora são insubstituíveis:

A voracidade é uma ânsia impetuosa e insaciável, que excede aquilo que o sujeito necessita e que o objeto é capaz e está disposto a dar. A nível inconsciente, a voracidade visa, primariamente, escavar completamente, sugar até deixar seco e devorar o seio. Ou seja, seu objetivo é a introjeção destrutiva, ao passo que a inveja procura não apenas despojar dessa maneira,

mas também depositar maldade dentro da mãe [...] a fim de estragá-la e destruí-la (p. 212).

A pulsão de morte, conforme Klein, é sinônimo da pulsão destrutiva, e a inveja é uma das manifestações dos impulsos destrutivos, pois leva a atacar e destruir o objeto bom. Se não for contida, leva a grandes dificuldades para introjetar e aprender. A primeira relação de objeto é com a mãe, e tem uma importância relevante para o desenvolvimento da mente – a maneira como sua introjeção vai ocorrer é a base da saúde psíquica. Klein defende que, se houver a introjeção de um bom objeto, este irá combater a pulsão destrutiva da inveja. Assim, trata como fundamental a primeira relação de objeto do bebê, pois considera que o objeto originário, introjetado, favorece um desenvolvimento satisfatório (Klein, [1957] 1991, p. 209-10).

Klein (1991) observou que alguns bebês nascem com maior ou menor capacidade para utilizar o bom objeto. Quanto mais um bebê consegue utilizar o seio bom, maior será sua capacidade de tolerar frustração e sentir gratificação, portanto menor tendência à inveja. Quanto maior a voracidade, menor a tolerância à frustração, portanto maior a tendência a atacar o objeto que o “frustrou”. A inveja excessiva dificulta a capacidade de pensar, criar, imaginar.

No início do desenvolvimento, é fundamental haver uma cisão entre o bom e o mau objeto (seio). A cisão é necessária porque protege o bom objeto dos ataques invejosos ao seio mau. Se essa “saudável cisão” não for bem instalada, haverá um estado confusional e uma dificuldade de discernir entre o que é bom e mau, uma vez que a inveja ataca o que é bom e o que dá segurança à vida.

A mente de Alice mostrava um estado confusional, em que as coisas boas eram sentidas como ruins. Fazer a faculdade, por exemplo, em muitos momentos era algo ruim e sem importância para ela. Havia uma dificuldade de discriminar os aspectos bons e ruins das suas experiências de vida. Pensar, criar e imaginar outras saídas para sua vida eram coisas bem distantes para ela que encontrava como única saída o “leite” que buscava receber de Mário.

Klein afirma que, quando o indivíduo se aproxima da posição depressiva, a

existência do objeto é experimentada de forma mais desenvolvida. Ele se torna capaz de perceber que o objeto é necessário, mas também reconhece sua existência independente e a possibilidade de ele ter relações com outros; aceita que o objeto pode tanto ser bom quanto mau, amado e odiado. Percebi como Alice estava longe da posição depressiva porque ela tinha muita dificuldade para fazer esses reconhecimentos.

Alice tinha estrutura invejosa e ciumenta e voracidade tão intensa que nada a satisfazia. Muitas vezes, ela tinha que destruir o que lhe era dado. Era uma moça inteligente, com boas capacidades de trabalho, porém com dificuldades para amar sua vida. A impressão era de que não havia um objeto bom internalizado e que durante a análise isso também não foi possível de acontecer de forma mais completa. Muitas vezes, tudo era vivido como algo ruim e sofrido; ela não podia receber algo bom e sentir gratidão.

Contudo, em meio a toda essa estrutura, ela ter conseguido se formar e ter um trabalho próprio e construir um quarto/sala e cozinha em cima da casa da sua irmã, onde não pagaria aluguel, foram os benefícios que ela conseguiu construir e sustentar. Apesar de ela não valorizar e, muitas vezes, denegrir e atacar sua faculdade e sua casa, dizendo que seu curso não dava dinheiro e que sua casa era pequena, essas conquistas foram verdadeiras; foi o “leite” com que ela conseguiu se sustentar, se alimentar e guardar dentro dela após o fim do namoro com Mário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alice foi uma paciente que despertou em mim diversos sentimentos de ambivalência. Ela também me ensinou e ajudou a pensar psicanaliticamente. Com ela pude aprender, na prática, diversos conceitos da Psicanálise, desprender-me de julgamentos entre certo e errado, tentar fazer o exercício diário para não ser pedagógica nem ter desejo sobre a maneira de conduzir sua análise, pois muitas vezes me via querendo sair do meu lugar de analista e dizer para Alice, de maneira pedagógica, o que era perigoso ou não, como uma mãe quando está vendo o que seu filho está fazendo com sua vida e quer impedir que ele o faça.

Sei que recebemos pacientes com todos os tipos de funcionamento e que podemos aprender com essa prática, mas Alice, especificamente, marcou-me e ensinou-me. A cada fim de sessão eu ficava pensativa e inquieta com sua maneira de funcionar. Fiz várias supervisões sobre o seu caso; apresentei em situações de grupo para discussão de caso clínico. Numa das supervisões, foi-me dito que era um caso difícil, e que eu trabalharia com 1% de sua mente. Em outra supervisão foi dito que o fato de Alice não ter virado prostituta e ter construído meios para se sustentar foi algo de bom proporcionado pela análise. Entendo essa compreensão, porém, ao final de tudo, a sensação permanecia. Para mim era difícil acessá-la...

Alice ficou comigo durante cinco anos (do início de 2010 a meados de 2015). Escrevo esse trabalho em agosto de 2017 e tenho ainda muito vivas as lembranças de como eram as sessões com ela. Hoje compreendo que eu poderia ter acolhido mais o sofrimento de Alice; talvez pudéssemos ter construído um vínculo mais forte, porém é como Bion diz: vamos aprendendo com a experiência da vida. Penso que escrever esse trabalho sobre a análise de Alice foi mais uma maneira que encontrei de buscar compreendê-la – uma vez que acho não ter conseguido, por meio da sua análise na vida adulta, ajudá-la a refazer um caminho por onde pudesse alcançar e acessar sua vida emocional mais arcaica, sair do seu país (mundo) de desencanto e, assim, fazer mudanças mais significativas em sua mente e experimentar um país (mundo) de maravilhas.

REFERÊNCIAS

- Britton, R. (2003). *Crença e imaginação: explorações em psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Castelo Filho, C. (2015). *O processo criativo: transformação e ruptura*. São Paulo: Bucheiro.
- Cintra, E. M. U., & Figueiredo, L. C. (2010). *Melanie Klein. Estilo e pensamento*. São Paulo: Escuta.
- França, M. T. B., & Haudenschild, T. R. L. (Eds.). (2009). *Constituição da vida psíquica*. São Paulo: Hirandiel Editora.
- Klein, M. (1991). *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago.